

EDITORIAL

Este é o primeiro número da publicação “*Memórias do Desenvolvimento*” do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento – CICEF. O objetivo desta brochura é apresentar ao público atual artigos que tenham marcado o debate sobre o desenvolvimento no Brasil e no mundo. Para esta primeira edição estamos re-editando o debate travado entre Celso Furtado e Ragnar Nurkse, publicado pela *Revista Brasileira de Economia (RBE)* da Fundação Getúlio Vargas no início dos anos 1950. Este debate originou-se de seis conferências pronunciadas pelo economista Ragnar Nurkse sobre a formação de capitais em países subdesenvolvidos, no Rio de Janeiro, no ano de 1951. No mesmo ano a *RBE* publicou-as, o que motivou a resposta da equipe da CEPAL. Coube a Celso Furtado redigir o texto refutando as idéias de Nurkse, que respondeu e o debate acendeu-se. O Centro Celso Furtado agradece ao editor da *RBE* a gentileza de autorizar esta re-publicação.

OS PERSONAGENS E SEU TEMPO

Os anos 1950 marcaram a história brasileira pelo debate sobre o desenvolvimento econômico nacional. Desde 1930 o governo orientava a política na busca da solução para o problema do atraso do país, através da centralização política e da expansão do controle da economia, seja pela regulação da atividade econômica, seja pela formulação de planos para o desenvolvimento de setores considerados estratégicos, seja pelos planos nacionais (Furtado, 2007, Martins, 1976, Draibe, 1985).

Os anos pós-1945 foram efervescentes para o Brasil e para os demais países latino-americanos. O diagnóstico sobre o atraso econômico do continente havia sido profundamente influenciado pelo chamado *Manifesto*

de Raul Prebisch, de 1949, que marca o início de sua direção na Comissão Econômica Latino-Americana (CEPAL). Cônscio de que aquelas idéias iriam revolucionar o pensamento político-econômico da América Latina, Celso Furtado solicitou a Prebisch a permissão para traduzi-lo para o português e encarregou-se de apresentar o ensaio à comissão editorial da *Revista Brasileira de Economia*. Esta era dirigida por Arízio de Viana, mas o Professor Eugênio Gudin tinha a derradeira palavra no que seria publicado ou não na revista; finalmente o texto de Prebisch foi aprovado e, nas palavras de Furtado, foi através desta publicação que o “manifesto” fundador da escola cepalina teve sua primeira ampla difusão no continente latino-americano (1985, 63).

No final daquela década, o Brasil apresentou altas taxas de crescimento, um aumento de seu parque industrial e do emprego, resultados, em grande parte, dessa orientação desenvolvimentista. Nas palavras de Furtado: *No primeiro ano do Governo Vargas (1951) as importações de bens de capital aumentam 72 por cento, e se mantêm nesse elevado nível no ano seguinte. A taxa de inversão líquida, que era inferior a dez por cento em 1949, aproxima-se de treze por cento em 1951 e alcançará quatorze por cento em 1952. Pela primeira vez no Brasil adotava-se uma política decididamente industrialista* (1985, 145). Dentro desta perspectiva, uma das principais facetas do debate encontrava-se na necessidade de formação de capital para o desenvolvimento econômico do país e sua origem. Outra importante questão era a participação dos setores público e privado na formação deste capital e, ainda, os possíveis resultados da participação do capital estrangeiro.

Uma das instituições promotoras deste debate foi a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Esta tinha sido fundada em 1944 e constituía-se em um dos principais centros de pesquisa econômica do Brasil. Com o objetivo inicial de contribuir para a formação de administradores públicos e privados no país, teve seu escopo de atuação ampliado, voltando-se para a pesquisa e a informação no campo das ciências sociais como um todo. No ensino de economia teve papel destacado e inaugurou no Brasil a primeira pós-graduação nesta área (EPGE). Alguns de seus projetos foram a elaboração das contas nacionais, dos índices econômicos e do balanço de pagamentos, além da produção dos periódicos: *Revista Brasileira de Economia* (RBE) e a *Conjuntura Econômica*. Estes são exemplos de sua contribuição para o debate sobre economia brasileira e seu desenvolvimento.

A *Revista Brasileira de Economia*, editada por Arizio de Viana e Eugenio Gudin, no Instituto Brasileiro de Economia da FGV, em 1947, foi a primeira

publicação nacional dedicada exclusivamente aos assuntos econômicos e representava, em muitos aspectos, o pensamento das correntes mais liberais. A partir de seu segundo número, a *RBE* passou a publicar conferências de palestrantes internacionais convidados para incrementar o debate nacional. As três primeiras conferências publicadas foram dos economistas Gottfried Habeler, austríaco que estudava principalmente a área de comércio internacional; Hans Wolfgang Singer, alemão que trabalhava com desenvolvimento econômico; e Jacob Viner, canadense que contribuiu para diversas áreas da economia. A quarta conferência foi proferida por Nurkse e seu conteúdo será apresentado nesta Revista. O Brasil tornava-se um centro de debates sobre a problemática do desenvolvimento e as palestras do Professor Ragnar Nurkse, segundo Furtado, contribuíram para o desenvolvimento da temática do intercâmbio entre países industrializados e produtores de matérias-primas.

O economista Ragnar Nurkse (1907-1959), nascido na Estônia, destacou-se nas áreas de economia internacional, finanças internacionais e desenvolvimento econômico. Formou-se nas Universidades de Tartu (Estônia) e de Edimburgo (Reino Unido). Nesta última, obteve o grau em Economia, em 1932. Trabalhou em Viena entre 1932 e 1934, onde publicou artigos e conheceu economistas da escola austríaca como Haberler, Mises, Hayek, Machlup, Morgenstern, entre outros.

Trabalhou na Liga das Nações entre 1934 e 1945, onde esteve envolvido com diversas publicações do órgão, entre elas o anuário *Monetary Review*, a *The Review of World Trade* e *World Economic Surveys*. A partir de 1945, tornou-se professor da Universidade de Columbia (Nova Iorque). Em 1958 e 1959, foi estudar desenvolvimento econômico em Genebra, onde faleceu subitamente. A maioria de seus últimos trabalhos sobre os problemas do desenvolvimento econômico e o comércio internacional resultou das suas conferências nas cidades do Cairo, Istambul, Rio de Janeiro, Cingapura e Estocolmo, assim como seus cursos em Columbia.

O outro interlocutor deste debate é o economista brasileiro Celso Furtado (1920-2004), natural do estado da Paraíba, advogado, segundo tenente da FEB, doutor em economia em 1948 pela Universidade de Paris-Sorbonne (França) com uma tese sobre a economia colonial brasileira. Iniciou sua vida profissional na recém-criada Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), órgão das Nações Unidas, em 1949, ao lado do argentino Raul Prebisch.

Furtado foi um dos mais fecundos pensadores brasileiros, além de ter tido uma participação política marcante. Nos anos 1950, presidiu o Grupo Misto CEPAL-BNDE, esteve como pesquisador visitante no King's College da Universidade de Cambridge (Inglaterra), assumiu uma diretoria do BNDE e, em 1959, participou da criação e direção da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Foi Ministro do Planejamento no Governo João Goulart e, com o golpe militar em 1964, teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Nos anos de exílio, morou no Chile, nos Estados Unidos e, em 1965, mudou-se para a França. Assumiu a cátedra de Desenvolvimento Econômico da Universidade de Paris-Sorbonne, permanecendo por vinte anos nos quadros da universidade. Com a anistia retornou à política, e foi Ministro da Cultura no Governo José Sarney. Faleceu no Rio de Janeiro em 2004.

Esta revista sobre a memória do desenvolvimento, uma publicação do CICEF, um centro de estudos sobre o desenvolvimento econômico, fundado em honra de Celso Furtado, escolheu a troca de idéias entre estes dois insignes economistas como ilustração desse debate. Para Furtado foi grande a importância das conferências de Nurkse porque elas chamavam a atenção para a questão do subdesenvolvimento, problema do mundo real. Para ele comentá-las foi imperioso: “Rompia-se o diálogo de surdos: deixávamos de lado as caixas vazias das teorias puramente dedutivas para abordar a realidade do subdesenvolvimento de um ângulo teórico” (Furtado, 1985, 149).

Assim, em 1952, o Professor Celso Furtado publicou um artigo na *RBE*, comentando o que considerava aspectos importantes das Conferências de Nurkse e sua interpretação sobre pontos controversos. Nurkse respondeu no ano seguinte, também através de um artigo na *RBE*, explicando as questões que considerava terem sido mal interpretadas por Furtado. Estes dois artigos também estão aqui publicados. O debate entre os professores Nurkse e Furtado é representativo daquele momento em que a discussão sobre o desenvolvimento econômico no país estava em voga e estes artigos foram significativas trocas daquelas idéias. Furtado discordava do enfoque “círculo vicioso da pobreza” utilizado por Nurkse na sua caracterização dos países atrasados e afirmava que “as teorias não surgem fora de época: se não existe uma teoria do desenvolvimento é que até recentemente inexistira preocupação com o tema” (Furtado, 1985, 150). Discorria sobre as diferenças entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos colocando de forma pioneira

estas idéias no seio da debate. O artigo de Furtado repercutiu internacionalmente e em 1953 foi publicado pelo *International Economic Papers*, revista da AIE que reunia contribuições teóricas relevantes em outros idiomas.

Leiam os textos e querendo aprofundá-los recomendamos a leitura de um dos livros de memória de Celso Furtado, *A Fantasia Organizada* (1985), particularmente os capítulos IX e X.

Boa Leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DRAIBE, Sonia. Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil, 1930-1960. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FURTADO, Celso, Formação Econômica do Brasil, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, primeira edição de 1959.

FURTADO, Celso, A Fantasia organizada, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, 5.edição.

MARTINS, Luciano, Pouvoir et développement économique. Paris, Anthropos, 1976.